

Hotelaria de novo sem Páscoa vê início do ano “severamente comprometido”

TURISMO Grande parte da hotelaria em Portugal está fechada devido à ausência de procura. Setor espera que a partir de maio a situação comece a inverter-se e que o verão possa trazer uma lufada de ar fresco.

TEXTO ANA LARANJEIRO

Com ou sem bom tempo, a Páscoa tipicamente convidava a uns dias de férias e a uma escapadela. Uns escolhiam praia, outros campo. Mas devido à pandemia, grande parte da hotelaria em Portugal está de portas fechadas, agravando os elevados prejuízos do ano passado.

A Páscoa, como nota Cristina Siza Vieira, vice-presidente executiva da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), “é um período, num ano normal, forte na hotelaria”. Mas a quadra, neste ano, tal como em 2020, não conta com o turismo internacional, e “em razão da renovação do estado de emergência e restrições que conhecemos, não pode haver turismo interno, pelo que até depois da Páscoa a maior parte da hotelaria estará encerrada”.

Em 2020, no primeiro confinamento, na segunda quinzena de março e, quase um mês depois, na Páscoa (que foi a 12 de abril), grande parte das unidades hoteleiras também estavam encerradas. As que permaneciam de portas abertas tinham como clientes sobretudo profissionais que, devido à pandemia, não podiam regressar a suas casas.

“Será por isso o segundo ano consecutivo sem Páscoa na hotelaria. Aliás, o primeiro quadrimestre do ano está severamente compro-

metido”, acrescenta a responsável da AHP. Os dados disponíveis até ao momento só ilustram a realidade até fevereiro, mas as quebras são significativas, em especial na comparação com o mesmo mês de 2020, quando a crise pandémica ainda não tinha chegada à Europa.

Os dados preliminares divulgados nesta semana pelo Instituto Nacional de Estatística apontam que, em fevereiro, as unidades de alojamento para turistas contaram com 208,2 mil hóspedes e 472,9 mil dormidas, o que representa quedas de 86,9% e 87,7% respetivamente e face ao período homólogo. Dado que o mês de março também con-

● *“As regiões onde estão inseridas as grandes cidades, como Lisboa e Porto, Fátima e o Algarve são as que estão a sofrer mais.”*

Cristina Siza Vieira
Presidente da AHP



Hotéis não foram obrigados a fechar, mas serviços de restauração tiveram de encerrar, assim como bares, piscinas e spas.

tou com elevadas restrições, tanto em Portugal como noutros países, é possível que os números, quando forem divulgados, não ilustrem grandes alterações. Abril não contará com o efeito Páscoa nem com o efeito de grandes eventos desportivos, uma vez que não terão público. Mas o país está a preparar-se para entrar na segunda fase de desconfinamento. E esta reabertura gradual da sociedade, a continuar a verificar-se, pode levar mais pessoas a viajar dentro do próprio país. E alguns estrangeiros também vão começar a chegar, à medida que o verão se aproxima.

Gonçalo Rebelo de Almeida, administrador do grupo hoteleiro Vila Galé, nota que “face às restrições em vigor, não se regista qualquer procura para a Páscoa deste ano”. O segundo maior grupo hoteleiro nacional tem quatro hotéis em funcionamento: o Vila Galé Porto Ribeira (Porto), o Vila Galé Ópera (Lisboa), o Vila Galé Ampalius (Vilamoura) e o Vila Galé Santa Cruz (Madeira).

“Neste momento e pelo menos até dia 19 [de abril], os hotéis têm

uma forte limitação nos serviços que podem oferecer aos seus clientes, já que restaurantes, bares, piscinas, parques infantis, spas têm obrigatoriamente de estar encerrados. Não prevemos que antes do final de abril haja condições para que os hotéis possam voltar a funcionar em pleno, pelo que só a partir de meados do mês começaremos a abrir progressivamente as 24 unidades Vila Galé que permanecem fechadas”, acrescenta o administrador do grupo.

A Discovery Hotel Management (DHM), que gere 17 unidades hoteleiras, diz que não teve atividade nesta altura festiva, porque praticamente todos os hotéis estão fechados. “Dado que mantemos as nossas unidades hoteleiras encerradas, à semelhança do que aconteceu no ano passado, apenas estamos a registar reservas para períodos após as datas de reaberturas estipuladas. A única exceção, neste ano, é o Furnas Boutique Hotel, que está com uma taxa de ocupação média a rondar os 75% para o fim de semana da Páscoa, sendo que definimos um limite de ocupa-

ção de 80% para garantir mais espaço e mais conforto para os nossos hóspedes”, revela Francisco Moser, *managing director* da empresa (ver entrevista ao lado).

AAHP tomou o pulso ao setor e o seu inquérito mais recente aponta que “a partir de abril, se tudo correr como o previsto, irá arrancar a reabertura progressiva da hotelaria”. A quebra do turismo e da hotelaria

● *“Não prevemos que antes do final de abril haja condições para que os hotéis possam voltar a funcionar em pleno.”*

Gonçalo Rebelo de Almeida
Administrador do Vila Galé



ORLANDO ALMEIDA / GLOBAL IMAGENS

“É importante que apoios não caiam porque há procura”

ALGARVE Presidente da associação de turismo da região conta com a abertura de fronteiras e a vacinação para uma “recuperação progressiva” em 2021.

Com as medidas de confinamento impostas atualmente, nomeadamente com o fecho das fronteiras e a proibição de circulação entre concelhos, “a Páscoa é, neste momento, um período com uma atividade praticamente inexistente”, começa por declarar João Fernandes, o presidente da Associação de Turismo do Algarve (ATA).

Tradicionalmente, nesta época festiva, a região é muito procurada “pelo mercado nacional e espanhol. O Algarve chegava a receber quase um milhão de visitantes”, o que não aconteceu nesta Páscoa, sublinha o responsável.

No entanto, a expectativa é que, “já em abril, abra a fronteira com Espanha”, acrescenta João Fernandes, que recorda que, no ano passado, esta só abriu no início do verão. “Há aqui uma oportunidade de começar a trabalhar mais cedo com este mercado”, acredita o presidente da ATA.

O Algarve tem sido a região do país mais afetada pelas medidas de combate à pandemia de covid-19. No conjunto do mês de janeiro e fevereiro as dormidas nas unidades de alojamento apresentaram a maior queda do país, uma diminuição de 87,6%.

Com uma economia muito dependente do turismo, os efeitos são alarmantes para todos os que dele dependem, numa região que apresenta poucas alternativas profissionais.

Reconhecendo toda a fragilidade da restauração, João Fernandes relembra que há atividades que se encontram totalmente paradas há mais de um ano, como é o caso dos bares, discotecas, eventos de animação turística ou qualquer outra atividade que seja “de grupo” ou que dependa de um mercado externo.

“Se o alojamento e a restauração foram muito afetados? Claro que sim. Agora, há atividades que, infelizmente, sofreram muito mais porque, por imposição legal, estão completamente fechadas há mais de um ano. Há registos mesmo muito difíceis”, nota.

“A situação é muito dura e os números do desemprego não deixam ter outra leitura”, garante. “Estes traduzem bem o impacto que a pandemia teve na região, é a pior do país. Agora, em termos de recuperação, a expectativa é que, com o plano de vacinação e com medidas menos restritivas, progressivamente, se vá restabelecendo a procura”.

No entanto, João Fernandes faz ainda questão de lembrar que “todas as projeções apontam para que, não antes de 2023, se possa estar ao nível de 2019. Portanto, esta recuperação progressiva vai ter que ser sempre acompanhada de medidas de apoio às empresas, e é extremamente importante que estas medidas não caiam porque há procura”.

NATACHA ADRO
natacha.adro@dinheirovivo.pt



ANDRÉ VIDIGAL / GLOBAL IMAGENS

“A situação é muito dura”, diz o presidente do João Fernandes.

registra-se em todo o país, mas Cristina Siza Vieira assume que “há e haverá assimetrias. As regiões onde estão inseridas as grandes cidades, como Lisboa e Porto, Fátima e o Algarve são as que estão a sofrer mais. A título de exemplo, 80% da hotelaria do Algarve estava encerrada em janeiro e fevereiro” (ver texto ao lado).

Esperança no verão

Apesar deste arranque negativo para o setor, o governo português acredita que o resto do ano poderá compensar, tornando 2021 melhor que 2020. A secretária de Estado do Turismo, Rita Marques indicou recentemente que as “melhores estimativas [do governo] estão em linha com as estimativas das organizações internacionais”. “A maioria das organizações internacionais diz que, se a vacinação continuar a desenvolver-se a uma rapidez razoável na Europa, provavelmente acabaremos o ano de 2021 com um crescimento de 20 a 30% quando comparado com 2020”, assinalou a governante.

ana.laranjeiro@dinheirovivo.pt

Francisco Moser “Verão marcará o momento de viragem para a recuperação do setor”

ENTREVISTA Gestor da DHM, empresa do fundo Discovery, que recupera e gere hotéis em dificuldade, pede “forte campanha” para reverter imagem negativa de janeiro.

ENTREVISTA **CARLA ALVES RIBEIRO**

Que impacto prevê que tenha no setor hoteleiro o arrastamento da crise sanitária em 2021?

O impacto será certamente muito negativo, já que Portugal tem uma dependência significativa dos mercados internacionais, o que leva a uma recuperação mais prolongada. Em algumas geografias o mercado doméstico será o grande motor para o início da recuperação. A evolução positiva do processo de vacinação permitirá a reabertura de algumas rotas de voos e, consequentemente, um crescimento dos mercados internacionais, mas creio que só se começará a sentir esse impacto a partir do último trimestre de 2021 e, de um modo mais acentuado, em 2022.

A pandemia veio colocar mais hotéis em dificuldade?

Sem dúvida. Note-se que o setor do turismo, e particularmente a hotelaria, foi a atividade económica mais prejudicada por esta pandemia. Não há memória de uma crise tão acentuada, com as vendas literalmente a zero durante largos períodos de tempo. Nos próximos anos podemos vir a assistir a algum desequilíbrio entre oferta e procura, resultando numa forte pressão nos preços e podendo deixar asfixiadas empresas hoteleiras com estruturas financeiras mais frágeis.

Este verão não será ainda um ano normal para a hotelaria?

Estamos a contar com um verão melhor que 2020, mas ainda aquém dos anos anteriores. Como referi há muita incerteza no comportamento dos mercados internacionais. O Reino Unido, um dos nossos principais mercados emissores, tem em vigor fortes medidas de restrição a viagens e ainda não há certezas quanto a datas de início da operação dos principais operadores. Aguardamos pacientemente pelas medidas que o primeiro ministro britânico anunciará no próximo dia 5 de abril. Também na Alemanha, como é sabido, o governo avançou e recuou nas suas medidas de desconfinamento, devido ao crescente número de novas infeções. Todas estas limitações apontam para que este seja mais um verão desafiante, mas estamos convencidos que o verão marcará



“Podemos vir a assistir a algum desequilíbrio entre oferta e procura, resultando numa forte pressão nos preços e podendo deixar asfixiadas empresas hoteleiras com estruturas financeiras mais frágeis.”

Francisco Moser
Managing Director da DHM

o momento de viragem para a retoma do setor.

Que medidas considera necessárias, da parte do governo, para que o turismo registe alguma recuperação nos próximos meses?

Todos nós sabemos, e o governo particularmente também o sabe, que o turismo é a atividade económica mais importante do país. É um setor sólido que produz bens e serviços que hoje são de primeira necessidade. Como tal, impõe-se a manutenção e o reforço de medidas com vista à proteção do emprego, ao apoio da tesouraria e ao alívio fiscal, alargando prazos sempre que tal se justifique. Simultaneamente, também me parece importante uma forte campanha dirigida aos nossos mercados de proximidade com enfoque na segurança e na diversidade do destino, de forma a reverter a imagem negativa que transmitimos no mês de janeiro.

carla.ribeiro@dinheirovivo.pt